

PRIMÓRDIOS DA COMUNICAÇÃO MIDIÁTICA NO RIO GRANDE DO SUL

Grupo de Pesquisa em História da Comunicação da Fabico/UFRGS

Aline Strelow, Ana Gruszynski, André Iribure Rodrigues, Andréa Brächer, Cida Golin, Karla Maria Müller, Maria Berenice da Costa Machado, Mariângela Machado Toaldo, Sandra Maria Lúcia Pereira Gonçalves (orgs.)

CORRESPONDENCIA

hum Escravo Mariuheiro por nome Manoel, alto, beijos groços, quem souber dedito escravo e o levar á Rua da Praia N° 125 ahí receberá boas alviças; e na mesma Caza vendê hum escravo ainda moço, que sabe cozinhar, e lavar, quem o pertender derijase a mesma Caza que ahí achará com quem tratar.

Sr. Redactor

Blankston, em seus Commentarios sobre as Leis da Inglaterra defing a liberdade da Imprensa ser o não haver restricção de qualquer escripto, e não o ser exempto de castigo hum autor quando publica qualquer materia criminosa. Todo o homem livre, diz aquelle autor, tem o indubitavel direito de expor os sentimentos que elle quizer ao Publico; prohibir-lhe isto, he destruir a liberdade da Imprensa; porem se alguem publicar o que for improprio, maligno, ou illegal, he precizo que tomê as consequencias da sua temeridade. Si geitar a Imprensa ao poder restrictivo de outros, he sujeitar toda a liberdade de pensamento ás preocupações de hum só homem, fazendo d'elle o Juiz arbitrario, e infallivel de todos os pontos de controversia em Sciencia, Religião, e Governo. Porem, castigar como fazem as Leis de Inglaterra quaesquer publicações perigosas, ou offensivas, de

EDITORA  INSULAR

ANN

ACH

HYMNO

NOTICIAS ES
BUENOS

ARTIGOS DE OFI

CARTA DE I

Organização

Aline Strelow, Ana Gruszynski, André Iribure Rodrigues,
Andréa Brächer, Cida Golin, Karla Maria Müller, Maria
Berenice da Costa Machado, Mariângela Machado Toaldo
e Sandra Maria Lúcia Pereira Gonçalves

Primórdios da Comunicação Midiática no Rio Grande do Sul

Florianópolis

EDITORA  INSULAR

2021

Editora Insular

Primórdios da Comunicação Midiática no Rio Grande do Sul

Aline Strelow, Ana Gruszynski, André Iribure Rodrigues, Andréa Brächer, Cida Golin, Karla Maria Müller, Maria Berenice da Costa Machado, Mariângela Machado Toaldo e Sandra Maria Lúcia Pereira Gonçalves (org.)

CONSELHO EDITORIAL

Dilvo Ristoff, Eduardo Meditsch, Jali Meirinho, Jéferson Silveira Dantas, Nilson Cesar Fraga, Pablo Ornelas Rosa e Sergio Ferreira Mota

EDITOR

Nelson Rolim de Moura

REVISÃO

Carlos Neto

PROJETO GRÁFICO

Eduardo Cazon

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo, SP)

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes CRB-8 8846

S915p Strelow, Aline (org.) et al.

Primórdios da Comunicação Midiática no Rio grande do Sul / Organizadores: Aline Strelow, Ana Gruszynski, André Iribure Rodrigues, Andréa Brächer, Cida Golin, Karla Maria Müller, Maria Berenice da Costa Machado, Mariângela Machado Toaldo e Sandra Maria Lúcia Pereira Gonçalves. – 1. ed. – Florianópolis, SC : Editora Insular, 2021. 328 p.; fotografias; E-Book: 16 Mb; PDF.

ISBN 978-85-524-0176-6

1. História da Comunicação. 2. Meios de Comunicação. 3. Processos Comunicacionais. 4. Rio Grande do Sul. I. Título. II. Assunto. III. Organizadores.

21-30246105

CDD 302.23:918.165

CDU 316.774(816.5)

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Mídias / Meios de comunicação; Rio Grande do Sul.
2. Mídia (Rio Grande do Sul).

STRELOW, Aline (org.) et al. **Primórdios da Comunicação Midiática no Rio Grande do Sul**. 1. ed. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2021. EBook (PDF; 16 Mb). ISBN 978-85-524-0176-6.

EDITORA INSULAR

(48) 3232-9591

editora@insular.com.br

facebook.com/EditoraInsular

twitter.com/EditoraInsular

www.insular.com.br

INSULAR LIVROS

(48) 3334-2729

Florianópolis/SC – CEP 88025-210

Rua Antonio Carlos Ferreira, 537

Bairro Agrônômica

insularlivros@gmail.com

CAPÍTULO 4

Jornalismo e *flânerie* na cidade mutante: o viés da nostalgia na crônica de Aquiles Porto Alegre (1848-1926)

Cida Golin (UFRGS)

Claudio Cruz (UFSC)

A escrita e a cidade moderna

Em sua monumental obra *A cidade na história* (1988), Lewis Mumford sugere a hipótese de que escrita e cidade talvez tenham nascido juntas, e juntas tenham constituído o ponto de partida da cultura humana no pleno sentido da palavra. Alguns anos depois dessa publicação, Roland Barthes parece enriquecer tal ideia ao perceber a própria cidade como constituindo uma escrita. Por fim, quando Ítalo Calvino lança *Cidades invisíveis*, pode-se fechar o círculo. Em uma de suas narrativas, diz Marco Polo ao todo poderoso Kublai Khan: “Você sabe melhor que ninguém, sábio Kublai, que jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve.” Contudo, existe uma ligação entre eles¹. Antes dos três escritores citados, mais precisamente a partir do final dos anos de 1920 e, principalmente, ao longo

1. Esse trecho inicial foi quase integralmente retirado de: CRUZ, Claudio. Erosidades: o grande motel das estrelas. *Portuguese Literary & Cultural Studies*, Utrecht (Holanda), 1, Spring, 2007.

da década de 1930, o crítico e filósofo Walter Benjamin iria desenvolver textos fundamentais no que diz respeito às relações entre escrita e cidade. Entre as cidades que escolheu investigar, a mais importante delas veio a ser Paris, que o crítico elevou à condição de “capital do século XIX”. E, se quisermos refletir sobre jornalismo e *flânerie*, é a Paris, sem dúvida, que devemos dirigir inicialmente nossa atenção. Foi nesta cidade que surgiu tanto o que ficou mundialmente conhecida como *flânerie*, como o próprio jornalismo moderno, de cunho empresarial. Na obra que dedicou para investigar, nas suas mais variadas dimensões, aquela “capital do século XIX”, a inacabada *Passagenwerk*, ou, *O trabalho das passagens*, Benjamin afirma: “A base social da *flânerie* é o jornalismo”. (Benjamin, 2006, p. 490)

Que o cronista que nos ocupa seja um jornalista, não há a menor dúvida, como veremos neste artigo; já classificá-lo como *flâneur* solicitará algumas considerações prévias. O tema do *flâneur* é antigo e teve seu aparecimento na cidade de Paris, remontando pelo menos ao século XIX, mas voltou a ganhar um grande destaque a partir da progressiva recepção da obra de Benjamin que iria ocorrer ao longo do século XX. O filósofo alemão fez do *flâneur* algo mais do que um simples “tema”, já que elaborou a partir dessa figura histórica um de seus mais importantes conceitos para o entendimento da vida urbana moderna e da modernidade em geral. Naturalmente que não se pretende aqui considerar o *flâneur* em toda a sua complexidade e riqueza encontradas nos textos benjaminianos que dele se ocupam, geralmente vinculados às análises da obra de Baudelaire. Como se sabe, o poeta francês foi tomado por Benjamin como um

dos autores mais representativos do processo de modernização do capitalismo ocidental. Nem a obra de Aquiles Porto Alegre, nem a cidade que procurou representar, comportariam a utilização extensiva do conceito de *flâneur* tal como elaborado por Benjamin. Não obstante isso, a utilização parcial desse conceito, assim como a ideia do *flâneur* em geral, pode ser útil para analisarmos as crônicas desde que consideremos a *flânerie* possível naquela Porto Alegre que mal iniciava seu processo de modernização.

Quanto às características desta figura típica do século XIX francês, mas que se espalhou pelo mundo rapidamente, muitas delas podem ser encontradas na sessão intitulada “O *flâneur*” da monumental *Passagenwerk*. Ali podemos nos deparar com inúmeros excertos que Walter Benjamin retirou dos mais variados livros que buscam configurar e definir esse tipo urbano, sendo que as características mais condizentes com nosso cronista seriam: o desejo onívoro de perambular diariamente pelas ruas da cidade, observar tudo que a compõe, andar em busca de seus acontecimentos, seus tipos característicos, suas paisagens, sua arquitetura, tudo isso devendo de alguma forma ser envelopado num texto, mais especificamente, numa crônica.

Por fim, se quisermos identificar uma data de nascimento tanto para esse jornalismo moderno quanto para a figura do *flâneur*, não estaremos longe da verdade se a situarmos na década de 1830, justamente nesta cidade de Paris (Benjamin, 1989). Seguindo com Benjamin lemos: “Sem dúvida que foi Paris que criou o tipo do *flâneur*” (1997, p. 215). E, por sua vez, esse mesmo tipo será, na visão benjaminiana, o leitor da cidade por excelência. Mais propriamente, será um dos primeiros

intérpretes da cidade moderna, que terá na capital francesa o seu paradigma. Há uma abundante literatura a sustentar a ideia de que foi no período do Segundo Império francês (1852-1870), dominado pela figura de Napoleão III, que Paris iria se transformar, a partir das radicais mudanças urbanas implementadas pelo seu prefeito Haussmann. Já “por volta de 1880 os padrões de Haussmann foram universalmente aclamados como o verdadeiro modelo do urbanismo moderno” (1986, p. 147).

Mais do que Paris propriamente dita, irá nos interessar daqui pra frente a Paris como “fonte inspiradora de um imaginário exportável” (Pesavento, 1999, p. 59), que se reproduz rapidamente por todas as partes do Ocidente, gerando em alguns casos fenômenos de impacto regional considerável. No caso sul-americano, há duas cidades que merecem destaque: Buenos Aires e Rio de Janeiro, que disputaram no período da *Belle Époque* qual delas mereceria chamar-se a “Paris da América do Sul”. O fato de a primeira ter levado larga vantagem neste aspecto, por motivos que não vêm ao caso aqui, importa menos que o fato de que a cidade de Porto Alegre, que serviu de solo para as crônicas de Aquiles, ficava aproximadamente equidistante dessas duas principais metrópoles sul-americanas naquele momento. E, além disso, algo mais importante, situava-se relativamente próxima de ambas. Sujeita, portanto, a uma influência mais direta dessas metrópoles regionais, além, claro, da mais distante de Paris, que nunca deixou de existir.

Porto Alegre, capital

Feitas essas considerações sobre as três cidades que pautaram a modernização de Porto Alegre, que terá início

logo após a proclamação da República, retracemos em rápidas linhas o desenvolvimento urbanístico da cidade que serviu de base tanto para a *flânerie* do nosso cronista quanto para as crônicas que, a partir dela e da memória, produziu, quase em sua totalidade, no período de 1915 a 1925 – principalmente no último quinquênio, que atingiu o impressionante ritmo de cerca de dois livros publicados por ano.

Fundada no final do século XVIII, Porto Alegre, tomando por base o registro de dezenas de visitantes estrangeiros que por ali passaram no decorrer do século XIX², foi se constituindo como a principal cidade do sul do Brasil. Nas primeiras décadas do século XX, a partir do comando da chamada geração positivista gaúcha, sob a liderança incontestada de Júlio de Castilhos, a capital sulina iria passar por um rápido processo de modernização, paralela às transformações urbanas que vinham ocorrendo em outras partes do país, em especial no Rio de Janeiro, que servia de inspiração direta às outras capitais brasileiras, somada à experiência semelhante de Buenos Aires e, de forma mais distante, à de Paris, como já vimos.

Há certamente uma “temporalidade das práticas sociais e de suas representações, mas as ideias ‘viajam’ no tempo e no espaço e são recicladas em outro contexto, que as historiciza”. (Pesavento, 1999, p. 23) O que se tinha em Porto Alegre era uma cidade que, por décadas, havia se mantido ainda firmemente estabelecida em seus valores “coloniais”,

2. Ver, especialmente, NOAL, Valter Antonio & FRANCO, Sérgio da Costa. *Os viajantes olham Porto Alegre. 1754-1890*. Santa Maria, Anaterria, 2004.

no sentido de serem antigos e tradicionais, e que se lançava então naquilo que Marshall Berman chamou de uma aventura da modernidade (Berman, 1986). No entanto, como lembra corretamente Sandra Pesavento, não podemos esquecer as substanciais diferenças entre uma capital central como Paris (e mesmo entre periféricas, mas importantes em termos internacionais, como Buenos Aires e Rio de Janeiro) e capitais de menor porte, como a cidade de Aquiles Porto Alegre. Não obstante isso, não devemos “descartar a possibilidade das analogias”, que fornecem a porta de entrada para o ingresso da modernidade urbana (Pesavento, 1999, p. 163)

Célia Ferraz de Souza, em seu livro *Plano Geral de Melhoramentos de Porto Alegre – o plano que orientou a modernização da cidade*, um estudo detalhado sobre as diretrizes que serviram de base e que, em grande medida, orientaram todo o planejamento da capital gaúcha ao longo do século XX, explica muito bem o contexto histórico em que Aquiles publica os seus vários livros de crônicas sobre a cidade. O referido plano foi apresentado ao governo municipal pelo engenheiro-arquiteto João Moreira Maciel em 1914, a pedido do então prefeito José Montauray. Como já dito, de 1915 a 1925 Aquiles iria publicar a maioria de suas crônicas. Diz Ferraz:

No início do século XX, a nascente burguesia local passava a exigir novos ambientes, como cafés, confeitarias, restaurantes, teatros, cinemas, espelhando-se no comportamento da burguesia da capital do país, o Rio de Janeiro, ou mesmo da própria burguesia francesa, que era a grande referência. (Ferraz, 2020, p. 24)

Mais adiante, a autora voltará a tratar desses ambientes “modernos”, para acrescentar alguns dados novos, como a

importância da construção do porto fluvial, obra seminal e decisiva para a modernização efetiva da capital, que se daria nas décadas seguintes, em dois surtos fundamentais de crescimento. O primeiro abarcou o período de 1924 a 1943 – em três dinâmicas administrações municipais encadeadas –, e o segundo ocorreu já nos anos de 1970, em pleno regime militar.

Se tomarmos como parâmetro a população da cidade no ano da proclamação da República, 1889, que contava com cerca de “42 mil almas”, veremos que aumentou mais de quatro vezes desta data até o ano da morte de Aquiles, em 1926, quando Porto Alegre já atingia os 180 mil habitantes. Além desse crescimento exponencial, constituía-se numa cifra populacional bastante significativa para a época, em termos brasileiros, já que apenas a Capital Federal havia ultrapassado a cota de um milhão de pessoas, e São Paulo mal havia atingido 500 mil.

A pergunta que se impõe é: como Porto Alegre e seus moradores reagiram às transformações consideráveis que vinham ocorrendo com a cidade desde a última década do século XIX? E, mais especificamente, como Aquiles Porto Alegre, através de suas crônicas, iria representar aquela acelerada modernização? Seja lá como tenha sido – buscaremos analisar a seguir –, o certo é que, em vários aspectos, ele não diferiu muito de outros cronistas de várias partes do país e do mundo frente a fenômeno semelhante; sob outros aspectos, o autor conseguiu deixar uma marca particular e representativa do seu tempo e lugar, e daí o seu merecido reconhecimento.

Herdeiro e contemporâneo dos românticos, em profunda sintonia com a influência simbolista na constituição do

sistema literário e intelectual da capital sulina, Aquiles José Gomes Porto-Alegre chegou à cidade ainda menino, aos 11 anos, em 1859. Vinha de Rio Grande, importante polo econômico da província, e encontraria uma comunidade com 20 mil habitantes e ares de “roça”, descrita pelo pioneiro cronista Coruja, desde seu “exílio” no Rio de Janeiro, como se estivesse “encaixilhada entre verduras, como um presépio” (Porto Alegre, 1994, p. 139). Essa forma afetuosa de olhar e pertencer à cidade, de perto ou de longe, plasmou-se na memorialística porto-alegrense, e Aquiles não fugiu à tradição. Considerado um dos precursores da crônica cidadina, transformou o lugar que o acolheu em texto de camadas superpostas, no qual se vê os tipos e a sinestesia da cidade colonial da sua infância, junto à cidade moderna e republicana vivida no tempo da escritura, o tempo do memorar e da velhice.

Aquiles Porto Alegre, cronista em deslocamento

Como a grande maioria dos habitantes de cidades em rápido processo de modernização, Aquiles “acusou o golpe”, como se diz na gíria. Vejamos um primeiro exemplo, retirado de uma crônica dedicada a um dos lugares mais icônicos da capital gaúcha, intitulada “Campo da Redenção”:

É quando eu passo agora por ali, ao ver a mudança porque tudo passou, os meus olhos se marejam de saudade e mergulham no passado, tão cheio de lindezas primitivas que a picareta do tempo destruiu impassivelmente, como impassivelmente destrói seres e coisas, civilizações e impérios. (Porto Alegre, 1994, p. 41)

Temos aí o poeta romântico, como tantas vezes ele próprio se autointitulou, chorando pelas coisas idas, como uma espécie de Casimiro de Abreu extemporâneo. Porém, mais do que esse caráter romântico, certamente tardio, tão explícito e tão comentado por mais de um estudioso de sua obra, caberia destacar também algo que poderíamos chamar de um certo sentimento barroco expresso nas crônicas de Aquiles, alegórico mesmo, no sentido benjaminiano da palavra³, como encontramos naquela intitulada “A Catedral”:

-
3. O sentido de alegoria em Benjamin tomou um aspecto muito particular. Na conhecida contraposição entre símbolo e alegoria, Goethe iria optar pelo primeiro como sendo o mais apto para a representação estética, em prejuízo da segunda opção. Em sua obra capital, *Origem do drama barroco alemão* (2013), Benjamin iria argumentar que, pelo contrário, com a alegoria é que poderíamos representar o mundo moderno com muito mais pertinência e verdade. A argumentação de Benjamin é bastante complexa e hermética, chegando em alguns momentos até o esotérico, mas há alguns aspectos essenciais na questão que podem ser expostos com mais simplicidade. O caminho mais fácil para isso talvez seja tomarmos a ideia da “bela aparência”, sempre endeusada pela estética clássica, e mesmo a romântica, como sendo o objetivo maior da arte. Exemplo notório: a Vênus de Milo. Essa obra, enquanto típica arte simbólica, só expõe o momento do auge da vida humana, o seu esplendor, escondendo o que fatalmente virá depois, ou seja, sua morte e destruição. Nesse sentido, a alegoria, como uma expressão que leva em conta, necessariamente, a passagem do tempo (é temporal, e não espacial), torna-se muito mais condizente para expressar a ruína, inevitável numa perspectiva barroca. Assim, ao esplendor de um rosto, o alegorista expõe sua caveira. Em termos mais simples, o alegorista é aquele que percebe, por trás do rosto, a caveira. Daí, claro, o sentimento melancólico que o acompanha. Não por acaso, Benjamin, ao escrever *Origem do drama barroco alemão*, de 1925, estava certamente aproximando a devastação causada pela

Ali, naquele velho templo augusto, viviam pelo menos 50 anos de minha existência, e eu via-o agora atacado e ferido pela picareta inconsciente do operário rústico, que nada conhece da vida da cidade antiga!

E via arrancados àquela terra santa, e que fora cemitério, a enxadas (sic) brutais, as ossadas de muitos de nossos antepassados, que eram dali expulsos com uma espécie nova e singular de desejos – como inquilinos que não pagam aluguéis da casa... (grifo nosso) (Porto Alegre, 1994, p. 44)

Como se vê, o trecho em itálico evoca de perto o universo barroco, com sua expressão ao mesmo tempo lutuosa e resistente às picaretas do progresso, a se sobrepor aos nossos mais queridos sentimentos de pertencimento a uma determinada comunidade. É forte a sensação de descontinuidade, de ruptura que as transformações urbanas acarretam no íntimo do cidadão, ocasionando uma considerável perda de referências, como décadas atrás havia ocorrido na Paris haussmaniana: “A sensação, já traduzida de forma poética por Baudelaire, era de estranhamento: o indivíduo não reconhecia mais sua cidade e se sentia estrangeiro nela.” (Pesavento, 1999, p. 109).

Um livro anônimo, publicado em 1868, só por seu título já dá uma ideia muito precisa do seu conteúdo. Chama-se *Paris désert. Lamentations d'un Jérémie haussmannisé*. Sem dúvida podemos visualizar Aquiles Porto Alegre como uma

Primeira Guerra àquela similar do século XVII, a chamada Guerra dos Trinta Anos, que também devastou e enlutou a Alemanha, e semeou o solo para o surgimento do “drama barroco alemão”, ou *Trauerspiel* (que pode ser traduzido, aproximadamente, por “peça lutuosa”), gênero artístico privilegiado por Benjamin na obra citada.

espécie de Jeremias a lamentar diuturnamente o tempo que passou, ao contemplar uma cidade que se mostra cada vez menos a sua cidade, em que tudo ia se “desmanchando no ar”, para utilizarmos a hoje tão repetida quanto pertinente expressão de Marx para caracterizar os “tempos modernos”. Na crônica intitulada “Hotel Siglo”, ele constata que “o tempo voa, foge, desaparece” (Porto Alegre, 1994, p. 46), como já havia constatado na citada “O Campo da Redenção” que “a picareta do tempo (...) destrói coisas e seres. Civilizações e impérios”. Caberia lembrar da crônica “Bumba meu boi”, em que lamenta o desaparecimento do tradicional folgado:

É quando vemos e meditamos sobre estas coisas que volvemos às eras de então e vemos quanto, com a marcha do tempo, tudo vai desaparecendo.

A clássica figura esquelética da morte, com a sua pavorosa foice, é um erro secular e grosseiro. O tempo é que ceifa tudo: seres e coisas. (Porto Alegre, 1994, p. 95)

Nos trechos até aqui citados, como em vários outros momentos, Aquiles deixa claro esse sentimento lutuoso que traz para a sua escrita em função do desaparecimento e da morte de tantos seres, coisas e valores definitivamente extintos. Casimiro de Abreu e seus seguidores do século XIX, que empunharam sua lira romântica para expressar sentimentos saudosos e nostálgicos, não chegaram a vivenciar situações como a que experimentou nosso cronista e seus contemporâneos.

Neste sentido, faz-se necessário distinguir cabalmente o saudosismo de um Antônio Álvares Pereira Coruja (1806-1889), o primeiro cronista porto-alegrense, daquele de

Aquiles, que pode ser considerado o seu principal herdeiro até o advento da geração modernista em terras gaúchas, que entraria em campo em meados da década de 1920, justamente quando Aquiles estava partindo. Ocorre que Coruja escreveu suas crônicas sobre a cidade na década de 1880, evocando acontecimentos de 50 ou 60 anos antes, quando Porto Alegre recém havia sido elevada à categoria de cidade, em 1822. Apesar dessa distância temporal, tanto a cidade revivida por ele como a cidade do tempo de sua escrita estavam mergulhadas num ambiente bastante pacato, vivendo como um “burgo açoriano”, ou seja, de aspecto ainda colonial, em grande medida⁴. Na verdade, quando Coruja escreve suas crônicas ele se encontra exilado, longe da cidade, e Porto Alegre já é para ele apenas algo ideal, exclusivamente feita de recordações distantes no tempo.

Muito diferente é a situação do seu principal herdeiro literário até então, que escreve sobre suas recordações da capital nas décadas, fundamentalmente, de 1860 a 1890. Encontram-se poucos dados precisos na cronologia oferecida por Aquiles, mas não fica difícil estabelecer o ano de 1890, grosso modo, como um ano de corte: daí pra trás a cidade do passado, dos valores antigos e tradicionais, “verdadeiros”; a partir daí começariam a imperar, progressivamente, os valores modernos, disruptivos, “falsos”. Um mundo regido pelo tumulto, pela multidão, pelo luxo e pela ostentação. Enfim, trata-se aqui do conhecido paradigma da cidade como

4. Porto Alegre foi inicialmente povoada por casais vindos dos Açores, que ali se estabeleceram em 1752, e seu *modus vivendi* pautou por mais de um século a vida da cidade.

fonte de todo o “mal”, em contraposição aos nobres valores do campo. Claro que, de crônica para crônica, encontraremos nuances a esse quadro geral, mas notamos que Aquiles desenvolve em grande parte delas o que poderíamos chamar de um princípio construtivo básico de sua crônica cidadina. Nele sempre está presente uma contraposição entre um tempo anterior, carregado de valores positivos, e o tempo atual, aquele da escrita, em que esses valores estariam sendo destruídos, dissipados, entrando em franca desapareição.

Ora, guardadas as devidas diferenças, não estamos muito longe daquele sentimento tão bem expresso no poema “O cisne”, de Baudelaire, no qual se constatava que a Paris haussmanianna “mudava mais rápido que um coração infiel”. João Alexandre Barbosa, que analisou em detalhe o poema, destaca o isolamento, a privação, o abandono, a exclusão e a inadequação a que se vê submetido o pobre cisne, que não encontra mais o seu “*beau lac natal*”, mas sim “uma desagradável rua seca, áspero chão, um riacho sem água” (Barbosa, 1986, p. 43-44). Metáfora do sujeito que se vê cada vez mais alienado do entorno em que vivia até então, o cisne logo se encontra com a melancolia, conforme a quadra inicial da segunda parte do poema, tantas vezes citada:

Paris change! mais rien dans ma mélancolie/ N'a bougé! palais neufs, /échafaudages, blocs,/Vieux faubourgs, tout pour moi devient allégorie/ Et mes chers souvenirs sont plus lourds que des rocs. (Baudelaire, 1972, p. 212.)

Paris muda! Porém minha melancolia/É igual! Palácios novos, andaimos, entulhos/ Velhos subúrbios, tudo me é alegoria,/ E as lembranças me pesam mais que pedregulhos. (Baudelaire, 1985, p.327)

O filtro da nostalgia melancólica

Esta melancolia, traduzida pelo prisma da nostalgia, constitui uma chave possível para a leitura das crônicas de Aquiles. Entendemos aqui a nostalgia não no sentido deletério, paralisante ou acrítico, mas justamente como resistência à temporalidade normativa do progresso, outra forma de traduzir a complexidade temporal vivida na modernidade. O presente e o futuro, desenhados por esse viés, impõem o passado como condição. O passado que invade presente e futuro no signo da ruína, sob a consciência da perda, da impermanência e da finitude (Felippe, 2017; Cassin, 2014). A nostalgia, comumente descrita como “dor” (algia) do “lugar” (nostos), que se transformou em conceito somente no século XVII a fim de compreender o abatimento dos soldados suíços que desejavam retornar ao seu “país”, acentua justamente o lugar enquanto espaço físico e simbólico atravessado pelas relações e pelos afetos.

Bachelard (1993) nos diz que, em seus mil alvéolos, o espaço retém o tempo comprimido e que todo o espaço realmente habitado traduz a noção de casa, reduto com valor de concha pela duração das longas permanências. Na dialética entre a consciência da perda e a tentativa de fixação do tempo, a nostalgia, portanto, elege a finitude humana, o retorno ao próprio lugar do viver entre parentes, envelhecer e morrer. Assim, Cassin (2014) leu o livro V da Odisseia, versos que cantam os impasses do retorno de Ulisses à casa. Assim, também lançamos luzes no caminhar-escrever de Aquiles sobre sua Porto Alegre real e imaginada.

Para Bachelard (1993), mais urgente que a determinação do cronos e das datas na produção de uma biografia, seria

importante localizar os espaços de intimidade que configuram os vínculos de um ser. Nas crônicas de Aquiles, Porto Alegre é sua casa e seu devaneio, um texto acionado pelo movimento lento do caminhar pelas ruas da capital, paisagens gráficas que se produzem a partir de uma máquina de escrever. Um exemplo dessa analogia entre a linha no papel e uma paisagem brota no olhar imaginativo do cronista sobre o cais abandonado da cidade baixa em 1920:

[...] Um dia em que a nossa municipalidade tiver lançado o seu olhar para aquele ponto da cidade em abandono, levando a arborização para lá, esse local tornar-se-á o ponto predileto da população, sempre ansiosa pela sombra das árvores nas tardes de verão. [...] À noite, então, veríamos de longe, seguindo toda a extensão do cais, por aí além, a iluminação elétrica como um cordão aéreo e luminoso de reticências, guardando entre si a mesma distância uma das outras. (Porto Alegre, 1994, p. 61)

A biografia de Aquiles traduz o típico perfil do intelectual do século XIX que não pôde cursar o ensino superior fora da província: ele foi jornalista, escritor, professor e funcionário público. No início da década de 1860, seu irmão mais velho Apolinário precisou interromper o curso de Direito em São Paulo em função da morte do pai. A família de quatro irmãos, Apolinário, Aquiles, Lúcio e Apeles, se dedicou, então, à formação da elite letrada da Capital, fundando estabelecimentos de ensino a exemplo do primo, Fernando Gomes, o primeiro a fundar um colégio de referência, o Colégio Gomes, onde Aquiles também estudou. A primeira escola da família, o Colégio Porto Alegre, surgiu em 1867, na rua Nova, atual Andrade Neves (Martini, 2013). O professor

Aquiles tinha, à época, 19 anos. Já havia se formado no Colégio Militar, e acompanhava o irmão mais velho nesta primeira empreitada pela educação primária e secundária de Porto Alegre⁵. O próprio Aquiles, que foi aluno e lente da Escola Normal, explica que todo o jovem sem recursos para cursar uma academia recorria a esta escola pública de formação de professores. A matrícula poderia até ser gratuita, desde que se apresentasse um atestado de pobreza assinado pelo vigário local. O magistério público constituiu, portanto, uma profissão a ser abraçada com todas as suas vicissitudes por esses intelectuais. Ou, então, a atrativa carreira do funcionalismo público, sempre sujeita ao humor e aos ódios dos políticos de plantão (Porto Alegre, 1994, p. 150-151). Aquiles percorreu os dois caminhos.⁶

Embora integrante da elite cultural, e dirigindo a ela a força de seu trabalho, boa parte de sua crônica dá vivacidade aos tipos populares, aos subalternos, às sonoridades, cheiros

-
5. Apolinário participará, posteriormente, da fundação do Colégio Rio-Grandense e, depois, do Instituto Brasileiro, estabelecimentos que recebem a incumbência da formação intelectual dos filhos da elite local no período do Império. O Instituto foi fundado em 1876, junto com Hilário Ribeiro. Durante 16 anos funcionou num imponente prédio do Caminho do Meio (Protásio Alves), onde se ouviu pela primeira vez a Marselhesa na província, assim como o Hino Rio-Grandense. Pela ideologia de seu principal mentor, Apolinário, tais escolas divulgavam um ideário cívico, moral e republicano, exaltando os Farroupilhas e a Revolução Francesa (MOREIRA, 1989; PORTO ALEGRE, 1994; Martini, 2013).
 6. Como funcionário público, Aquiles serviu na Viação e na Fazenda. Em Porto Alegre, além de professor, foi também Inspetor Escolar. (HESSEL et al., 1976)

e gostos de uma comunidade que obedecia, a cada noite, o toque de recolher do sino da Matriz. Por sinal, a paulatina construção das igrejas, modificando com suas torres o perfil da cidade no século XIX, foi registrada nos textos de Aquiles. O interesse pelo cotidiano popular – e não é à toa que seu mais conhecido título, póstumo, chama-se *História popular de Porto Alegre*⁷ – abre janelas tanto para vultos ilustres, especialmente se alinhados ao ideário federalista, como para os *infames* (Foucault, 2003) e para singularidades tantas vezes invisibilizadas, mas que a crônica tem prazer em demarcar a contrapelo. Ou seja, ele passa do jovem e promissor jornalista Caldas Júnior, que faria uma revolução no jornalismo local, ao Alexandre, vendedor de jornais, de passos lentos, calça branca e sobrecasaca.

Aquiles foi um dos autores mais profícuos de seu tempo, publicou cerca de 20 livros, além de poemas, novelas e crônicas na revista da Sociedade Parthenon Litterario. Viveu um tempo em que não era difícil dispor de um jornal próprio

7. Esta edição póstuma, coletânea de crônicas organizada pelo funcionário da prefeitura Drausino Varella, foi um projeto da administração Loureiro da Silva dentro das comemorações políticas do bicentenário da cidade em 1940, já esmiuçado por Monteiro (2006). Os livros editados pelo próprio Aquiles foram escritos nos últimos dez anos de vida do cronista. Ele falece em 21 de março de 1926, oito dias antes de completar 78 anos. Se observarmos somente alguns de seus títulos, percebemos o quanto essas obras são envelopadas pelo viés da nostalgia melancólica: *Folhas caídas* (1912), *Flores entre ruínas* (1920), *Paizagens mortas* (1922), *Noutros tempos* (1922), *Noites de luar: (chronicas)* (1923), *Serões de inverno* (1923), *À sombra das árvores* (1923), *Palavras ao vento: (chronicas)* (1925), *À beira do caminho* (1925), *Prosa esparsa* (1925), *Jardim de saudades* (1926).

para defender posições políticas, engajando-se na campanha abolicionista ao dirigir o *Jornal do Commercio* a partir de 1884, onde assinava também sob pseudônimo de Carnioli. E foi deste jornal que saiu seu genro Caldas Júnior para fundar o *Correio do Povo*. Na crônica sobre o *Jornal do Commercio*, escrita como de hábito após o passeio matinal, Aquiles cruza a Praça da Alfândega conversando com suas “saudades”, interlocutora onipresente. O velho jornalista lembra o quanto as lajes daquele caminho já estavam habituadas ao ruído de seus passos e olha a construção do “alteroso edifício dos senhores Wilson & Sons Company Limited” no endereço onde um dia foi o seu diário. Em um típico enquadramento que se repete na maioria das crônicas, temos pelo menos 40 anos separando o tempo da escritura e o tempo do escrito, espessa massa temporal de onde se desenham os personagens que ali trabalharam e escreveram.

O cronista rememora, provavelmente limando conflitos cotidianos pela lente da saudade, os talentos jornalísticos e literários – Damasceno Vieira, Zeferino Brasil, Mario Totta, Paulino Azurenha – tanto da nova geração pré-modernista que vinha da Escola Militar quanto dos remanescentes da Sociedade Parthenon Litterario, da qual Aquiles é fundador junto ao irmão Apolinário.⁸ Uma seção literária, sob o nome sugestivo de *Lótus Azul*, era publicada todos

8. A Sociedade Parthenon Litterario foi o principal coletivo de literatos do Rio Grande do Sul no século XIX, que formou a base para o sistema literário local e regional, defendendo bandeiras do ideário romântico, republicano e da difusão iluminista da educação e da leitura. Além de poetas, eram também alfabetizadores de adultos e jovens.

os domingos no rodapé da primeira página do *Jornal do Commercio*, abaixo das notícias políticas. A visada bergsoniana de nosso cronista deixa extravasar o passado na perspectiva do presente, enxerga a velha redação jornalística e a ruína da Casa Queimada⁹ no corpo do edifício que cresce, mostra a cidade como se fosse um palimpsesto.

O silenciamento de Aquiles na toponímia política

Em uma província marcada pela violência das guerras e pelo binarismo político, Aquiles atravessou o cotidiano de sua cidade adotiva sentindo fortemente os ecos da Guerra do Paraguai (1864-1870), da Guerra Federalista (1893-1895), da Primeira Grande Guerra (1914-1918) e da Revolução de 1923. A família Porto Alegre alinhara-se ao Partido Liberal,¹⁰ e o primogênito Apolinário precisou se exilar da Casa Branca em função das disputas ferozes com os adversários. A forte ligação com políticos como Gaspar Silveira Martins, além dos revezes de viver sob a hegemonia da administração castilhistas que impunha radicais mudanças na paisagem da capital, todos esses motivos imprimiam certos silenciamentos

9. Segundo Aquiles na crônica sobre o *Jornal do Commercio* (1994, p. 123-124), a Casa Queimada era um sobrado na esquina da rua da Praia com a Praça da Alfândega que tinha uma venda no pavimento térreo. Do andar de cima, que sucumbiu a um incêndio, restaram apenas paredes laterais e a vegetação típica de prédio em ruínas.

10. O Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), de ideário republicano e vinculado a Julio de Castilhos, e o Partido Federalista do Rio Grande do Sul, fundado por Gaspar Martins e que defendia o parlamentarismo e o federalismo, polarizaram a luta política no Rio Grande do Sul na última metade do século XIX e primeiras décadas do XX.

nas descrições de Aquiles. É o caso, por exemplo, da Praça da Matriz, que Aquiles escreve a partir de suas memórias oitocentistas de menino, sem pontuar que a mesma praça nos idos dos anos 1910 já abrigava o solene monumento à morte de Julio de Castilhos. O certo, acreditamos, é que a praça, por mais de meio século, mantinha-se como ponto lúdico dos flertes da festa do Divino Espírito Santo:

[...] Sem luz elétrica nem gás, a iluminação da praça, nestas noites festivas era a *Giorno*, é dizer, a lanternas venezianas, o que em verdade se não tinha o brilho feérico das iluminações de hoje. Apresentava, contudo, um aspecto mais suave e pitoresco.

O “Império” é que, por uma espécie de privilégio, se iluminava a gás.

Às vezes, havia danças na “bailante” ou no salão do Theatro São Pedro e então o gás entrava em cena.

A praça da matriz enchia-se nestas saudosas noites.

— Pinhão quente! Peixe frito! Mandubim torrado!

Estes pregões cruzavam o ar de espaço a espaço.

Eram as negras minas, que “in illo tempore” havia à farta e eram as únicas quitandeiras da cidade. (Porto Alegre, 1994, p. 80)

Enquanto a disputa política da memória se consolida e se naturaliza no ato de nomear os logradouros, Aquiles fazia, com a crônica, movimentos de retaguarda iluminando endereços soterrados, descortinando o manto que a Guerra do Paraguai impusera à área central ao trocar os nomes de batismo das ruas. No modo nostálgico de acionar a temporalidade, procura pela infância, pela juventude e pelos afetos com a consciência do “já não mais”. É o “In illo tempore”, repetido pelo saber que nada volta... (Felippe, 2017; Cassin, 2014).

Ao invés da iluminação azeite de peixe, a luz elétrica: ao invés da “maxambomba” – que não matava ninguém –, o “elétrico” e o “auto”, que, como epidemias, estão sempre fazendo “vítimas” – o que o progresso nos trouxe. É doloroso – mas é bonito. Não temos mais “frades” de pão à porta de cada casa, nem de pedra às esquinas. Temos postes telefônicos e de luz elétrica, que nos trazem à casa, de longe, num relâmpago, a palavra e a luz.

Mas, ah! Como nos falta tanta coisa... Faltam-nos a nossa infância descuidada e a nossa mocidade sonhadora. A cidade remoçou, embelezou-se, e nós envelhecemos. Mas, antes assim. Que a nossa querida cidade se alinde, progrida, brilhe, seja grande. (Porto Alegre, 1994, p. 25)

Percebe-se, acima, a superposição dos contrários acionada nas crônicas, movimento que Aquiles cultiva no viés de um lamento (“doloroso”) que se esforça por reconhecer e justificar o novo (“mas é bonito”), provavelmente rebatendo as críticas que recebia pela cronística avessa às normativas da velocidade e do progresso. A evocação da luz elétrica, presente em todos os fragmentos recortados, traduz este olhar de estranhamento de quem um dia viu substituir o acender artesanal dos lampiões pelo clarão repentino da luz elétrica, fenômeno condizente com a experiência moderna do choque perceptivo tão bem conceituado por Walter Benjamin.

A crônica na rotina do caminhar para escrever

O viés do lamento, contudo, não o impedia de cultivar a brejeirice, o tom coloquial do cotidiano, de registrar os aromas e o gosto português dos restaurantes e das padarias locais como a do Azurem, na Praça do Portão, que fazia um

pão sovado macio e gostoso e nas noites de inverno jogava “solo” com dois amigos até o toque de recolher (Porto Alegre, 1994, p. 51). Ele soube explorar o detalhamento, a captação do instante efêmero, mesmo que este instante esteja alojado no presente-passado. Se a narrativa tem a função de organizar o tempo humano (Ricoeur, 1994), a crônica carrega no próprio nome a marca do tempo e da memória, um gênero que, sabemos, ganhou relativa autonomia e dimensão estética no Brasil ao longo do século XIX e XX (Candido, 1992; Arrigucci, 1987).

Aquiles não se furtou, ele próprio, de envelopar seus textos no estilo despretensioso, na “pequena moldura” onde se adaptam perfeitamente todos os assuntos apanhados em flagrante, como se estivesse a “cavaquear” entre amigos. Na sua crônica sobre a “crônica” no livro *À beira do caminho*, reconhece que esse gênero pousou na província desde os *boulevards* parisienses e, “o escritor, se tem dedo para isto, de um fato, que passou despercebido para mim, para ti, para todos, agarra, namora-o, atira-o nos ares, e faz com ele mil jogos, como se fosse uma bola de marfim nas mãos de um malabarista japonês” (Porto Alegre, 1925a, p. 160).

Há uma frase recorrente em Aquiles, “a rua, como já tenho dito várias vezes, exerce sobre os meus nervos uma atração irresistível” (1994, p. 205) ou “eu sou a alma viva da minha cidade” (1994, p. 46), reverberando, certamente, a influência do carioca João do Rio, aquele que, segundo Brito Broca (1993), teria sido o primeiro jornalista, no Brasil, a sair da redação para a rua e fazer do seu movimento na urbe um acontecimento aberto ao acaso. Leitor de Baudelaire e espírito *flâneur*, transfigurando o decadentismo do final do século XIX, João do Rio fez imersões

na vida da cidade captando as assimetrias sociais do centro e da periferia (Bulhões, 2007) e o fascínio pelo fetiche da cidade-mercadoria em mudança. A morte de João do Rio em 1921, aos 39 anos, provocou comoção e alvoroço praticamente simultâneos sobre quem ocuparia sua cadeira na Academia Brasileira de Letras. Na longínqua província (“aqui nos cafundós provincianos”), Aquiles alfineta com o sugestivo título “Abocanhando o osso” as vaidades e disputas por uma cadeira remunerada a cada sessão:

Palavra de honra: eu fico triste com o espetáculo triste que os nossos rapazes poetas e escritores dão ao mundo sempre que morre um imortal.

O nosso país era a terra clássica do “abocanha o osso”.

Aqui, qualquer mancebo eleitor, quando se dava uma vaga de emprego público, corria abaixo e acima, pegava-se com Deus e todo o mundo para apanhar o osso lucrativo.

Agora, qualquer mocinho letrado, que está ainda no período das cataporas literárias, mal cerra os olhos um acadêmico, atira-se ao lugar vago e faz o possível e o impossível para abocanhar o osso da imortalidade.

Olhem que é o caso de a gente, ao ver alguns desses candidatos, gritar de um cantinho como quem apita pela polícia: – “Larga o osso!” (Porto Alegre, 1925b, p. 164-169)

Já sabemos que a escritura crônica-memória de Aquiles Porto Alegre é ativada pela ação de caminhar na cidade regularmente pela manhã, ou seja, o caminhar para escrever. Aquiles não apenas reflete a conquista da rua demarcada por João do Rio, como se insere numa tradição ocidental milenar que concede à caminhada alto grau de significação cultural (Coverley, 2014). Caminhar ativa seus pensamentos

e a vontade de registrar a paisagem da cidade por meio das camadas de um palimpsesto, como já vimos. No escavar constante de cada rua, esquina, beco ou praça, Aquiles imprimiu seu juízo moral, ideológico e, provavelmente, criou um personagem, rotulado por alguns contemporâneos de velho ranzinza e nostálgico, justamente o oposto do cronista carioca que exaltava a excentricidade do choque e da mudança e raramente cedia ao lamento.

Um dia destes, fazendo meu cotidiano giro matinal pela minha querida cidade, achei-me, de repente, na tradicional Praça da Matriz, e logo chamaram minha atenção grandes carroçadas de entulho que saíam dos fundos da nossa antiga catedral.

Pieguismo?

Que o seja!

Como eu, a maior parte da população da cidade há de sentir o desaparecimento da nossa velha igreja, porque não há um habitante da capital que não tenha ali uma relíquia.

São mais de cento e cinquenta anos da crônica da cidade e da vida de nossos avós que são lançados em terra; feito destroços, transformados em poeira. (Porto Alegre, 1994, p. 43-44)

Já na altura dos setenta anos de vida, Aquiles observa e, não raro, lança farpas a uma cidade que mudou muito em hábitos. A sociabilidade do cinema substituiu o protagonismo das festas religiosas, as mulheres ganharam acesso ao passeio e às vitrines. O café, que até meados de 1870 havia sido um lugar suspeito, evitado por todos, era agora o “pivô da vida contemporânea”, da política à literatura, centro onde se tramava tudo, uma espécie de “romance” que, segundo Aquiles, até os analfabetos liam. (Porto Alegre, 1994, p. 43-44)

O lamento expresso no olhar do cronista sobre a pica-reta que desmancha a igreja matriz, entre tantas paráfrases – “bizarras tinturas do progresso”, “vestígios que o camartelo do tempo imprime implacavelmente”, “com a mudança que se nota em tudo” –, faz nosso cronista se assumir “nostálgico” pelo que carrega na memória, pelo “já não mais”, pelas lacunas e pelas perdas. “Não me magoam, pois, os que me chamam desdenhosamente de nostálgico. Sou e me honro de o ser”, escreveu ele na crônica Nostalgia, de *À beira do caminho* (1925, p. 105). Reconhecemos aí, nesta posição, a resistência à temporalidade impositiva da mercadoria, a criação de outra temporalidade capaz de escoar uma sensibilidade que não seja somente a aceleração naturalizada. Para além do lamento, a saudade também pode ser vista como crítica.

Considerações finais

Este capítulo buscou iluminar a trajetória de Aquiles Porto Alegre, um dos precursores da crônica moderna na capital gaúcha. Típico intelectual na passagem do século XIX e XX, Aquiles registrou, pela lente da nostalgia melancólica, a cidade que se preparava para grandes mudanças que se acentuariam a partir dos anos 1920, ecoando com mais força o modelo parisiense. Tendo como base as reflexões de Walter Benjamin sobre jornalismo e a urbe, buscou-se relacionar a crônica de Aquiles com a emergência da figura histórica e emblemática do *flâneur* no século XIX, cuja base social é o próprio jornalismo. Leitor e contemporâneo do carioca João do Rio, Aquiles também saía a passeio a fim de registrar as sociabilidades e a memória de uma cidade que perdia parte

de suas raízes. Foi um intérprete singular do *lugar*, fazendo dele uma tecedura de afeto, pertencimento e escrita.

Por fim, a saudade como potência crítica é uma ideia que nos interessa enfatizar após o percurso de leitura das crônicas de Aquiles Porto Alegre. Entendemos, seguindo Cassin e Fellipe, que este gesto nostálgico implica em dar a ver a complexidade do tempo nas múltiplas camadas expressas no espaço. A partir da finitude e da velhice, Aquiles contrapôs-se à naturalização de olhar o futuro apenas pelo viés da exaltação do progresso tão comum na época. Nosso primeiro cronista *flâneur*, mesmo animado pela rua, pelo passeio diário, pelos tipos e pela cidade mutante, olhou para o futuro tendo o passado como premissa. Atualizou, a partir do horizonte de sua província, a prática cultural de caminhar para escrever. Registrou no envelope da crônica suas perdas, as ruínas na célere modernidade, o desamparo da condição humana.

Referências

- ARRIGUCCI JR, Davi. *Enigma e comentário*. Ensaios sobre literatura e experiência. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BARBOSA, João Alexandre. Baudelaire, ou a Linguagem inaugural. In: _____. *As ilusões da modernidade*. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Tradução de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- _____. *Les fleurs du mal*. Paris: Le livre du Poche, 1972.
- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989. Obras Escolhidas III. p. 23

- _____. *Origem do drama trágico alemão*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- _____. El retorno del flâneur. In: HESSEL, Franz. *Paseos por Berlín*. Madrid: Tecnos, 1997. p. 215.
- _____. *Passagens*. Belo Horizonte, São Paulo: Editora UFMG/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Cia. das Letras, 1986.
- BROCA, Brito. *Teatro das letras*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.
- BULHÕES, Marcelo. *Jornalismo e literatura em convergência*. São Paulo: Ática, 2007.
- CANDIDO, Antonio. A vida ao rés do chão. In: CANDIDO, Antonio et. al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp: Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- CASSIN, Barbara. *La nostalgia*. Ulises, Eneas, Arendt. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 2014.
- FELIPPE, Eduardo Ferraz. Renovar votos com o futuro: nostalgia e escrita da história. *História da Historiografia*, Ouro Preto, v. 10, n. 25, p. 117 – 134, dezembro 2017. Último acesso em 26 de março de 2020.
- COVERLEY, Merlin. *A arte de caminhar*. O escritor como caminhante. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: _____. *Estratégia, poder-saber*. Ditos e escritos IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- HESSEL, Lothar et al. *O Partenon Literário e sua obra*. Porto Alegre: Secretaria da Educação; Flama, 1976.
- MARTINI, Cyro. *A cidade risonha de Aquiles Porto Alegre*.

- Porto Alegre século XIX. Porto Alegre: Martins Livreiro Editora, 2013.
- MOREIRA, Maria Eunice. *Apolinário Porto Alegre*. Porto Alegre: IEL, 1989.
- MONTEIRO, CHARLES. *Porto Alegre e suas escritas*. História e memórias da cidade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.
- MUMFORD, Lewis. *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- PESAVENTO, Sandra. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano. Paris – Rio de Janeiro – Porto Alegre*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.
- PORTO ALEGRE, Aquiles. *À beira do caminho*. Porto Alegre: Globo, 1925a.
- _____. *História Popular de Porto Alegre*. Porto Alegre: Unidade Editorial/Porto Alegre, 1994.
- _____. *Palavras ao vento: crônicas*. Porto Alegre: Selbach, 1925b.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tomo 1. Campinas, SP: Papyrus, 1994.
- SOUZA, Célia Ferraz de. *Plano Geral de Melhoramentos de Porto Alegre – o plano que orientou a modernização da cidade*. 2ª ed. Porto Alegre: Armazém Digital, 2010.